

JAMIE McGUIRE

Bela
CHAMA

Irmãos Maddox - Livro 4

Tradução

Cláudia Mello Belhassof

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2016



VERUS
EDITORA

Editora executiva: Raïssa Castro
Coordenação editorial: Ana Paula Gomes
Copidesque: Maria Lúcia A. Maier
Revisão: Raquel de Sena Rodrigues Tersi
Capa e projeto gráfico: André S. Tavares da Silva

Título original: *Beautiful Burn*

ISBN: 978-85-7686-552-0

Copyright © Jamie McGuire, 2016

Edição publicada originalmente pela autora.

Direitos de tradução acordados por Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.
Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2016

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

M429b
v.4

McGuire, Jamie
Bela chama / Jamie McGuire ; tradução Cláudia Mello Belhassof. -
1. ed. - Campinas, SP : Verus, 2016.
23 cm. (Irmãos Maddox ; 4)

Tradução de: Beautiful Burn
ISBN 978-85-7686-552-0

1. Romance americano. I. Belhassof, Cláudia Mello. II. Título. III. Série.

16-35882

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3



Quando eu era criança, ficava sentada pelo que parecia uma eternidade, encarando uma chama. Minha família achava que era um passatempo peculiar, mas, quase vinte anos depois, eu estava encarando a ponta do meu cigarro, as cinzas tão longas quanto meus dedos, queimando laranja enquanto o fogo consumia o papel.

A casa estava lotada, tão cheia de bêbados suados, depravados e quase caindo, que respirar fundo não adiantava; todo o oxigênio já havia sido sugado de lá. Meus ossos estavam saturados com o som do contrabaixo, das garotas tagarelando, a maioria jovem demais para comprar uma cerveja, quanto mais para estar à beira de vomitar a meia dúzia de garrafas de Smirnoff Ice que tinham acabado de consumir.

Eu me recostei na poltrona importada supermacia, a preferida da minha mãe, analisando o caos e me sentindo em casa.

Meu pai estava convencido de que eu era uma boa garota, então era fácil para mim testemunhar atitudes de mau comportamento sem nenhum tipo de culpa, apesar de às vezes eu agir da mesma forma.

Uma garota linda com penteado pompadour fixado com glitter e pintado de roxo me estendeu um baseado — uns dois centímetros de erva mágica envolvida em papel de seda —, e eu mirei seus olhos por menos de um segundo para confirmar se o cigarrinho estava apertado antes de aceitar. Expirei em direção ao teto, observando a fumaça flutuar acima e se unir à nuvem branca que já envolvia o amplo espaço que funcionava como a nossa galeria, projetada sob medida para depois das atividades de esqui, das rodadas de vinho e dos convidados sofisticados, e não para

os trabalhadores de classe média e os bêbados da região, que se esfregavam nos quadros, derrubando vasos.

Relaxe imediatamente, apoiando a cabeça no encosto do sofá. Em termos de *cannabis* recreativa, o Colorado era um dos três estados que faziam parte dos meus lugares preferidos para passar um feriado. O fato de os meus pais terem uma casa de férias em Estes Park o fazia subir para a posição número um.

— Qual é o seu nome? — ela perguntou.

Eu me virei em direção a seu esplendor angelical, sem me surpreender por ela estar em uma festa lotada sem conhecer a anfitriã.

— Ellie — respondi, mal prestando atenção a seus olhos vermelhos e cansados.

— Ellie Edson? Você é irmã do Ellison?

Suspirei. Essa não era a conversa que eu queria ter.

— Eu sou a Ellison.

Suas sobrançelas se uniram conforme a confusão anuviava seu rosto.

— Mas... o Ellison é homem, certo? O cara que é dono desta casa?

— Ela deu uma risadinha e apoiou a bochecha no braço. — Vocês são tipo... gêmeos ou alguma coisa assim?

Eu me recostei, sorrindo enquanto ela passava espontaneamente os dedos pelos meus longos cabelos. Um de seus braços tinha sido tatuado com diversos tamanhos de crânios delineados em preto e rosas azuis brilhantes; o outro era uma tela em branco.

— Não, eu sou a Ellison, a mina que é dona desta casa.

Ela deu uma risada alta com a piada, depois se ajoelhou no chão em frente à minha poltrona.

— Sou a Paige.

— Há quanto tempo você mora aqui?

— O que te faz pensar que eu sou daqui? — ela perguntou.

Ela estava concentrada em cada palavra que eu dizia, e a atração unilateral estava me provocando uma estranha combinação de satisfação e tédio. Paige era mais do que apenas linda; ela demonstrava esperança no modo como contava suas histórias tristes — abertamente, para todos verem, vulnerável quando seu coração fora destruído demais para ser consertado.

Estendi a mão para o baseado.

— Seus olhos são vazios por causa de uma vida inteira de expectativas frustradas e da culpa por desperdiçar poucos recursos.

Ela deu uma risadinha.

— Não sei o que isso significa.

— Exatamente.

— São seus pais naquele quadro? — perguntou ela, apontando as unhas curtas e lascadas para o retrato no canto oposto do ambiente.

Suspirei.

— São eles... tentando comprar a imortalidade.

— Eles não parecem tão maus. Eles te deram tudo isso.

— Não, ainda é deles. Só estou pegando emprestado. Pessoas como nós aprendem desde cedo a desistir de abrir mão das coisas de graça.

— Pessoas como vocês? — ela pareceu se divertir. — Tipo, pessoas que têm uma casa com um zilhão de metros quadrados?

— Vários deles — comentei.

Suas sobrelanceiras se ergueram e sua boca se curvou para cima, num sorriso doce.

Algumas pessoas poderiam entender meu comentário como ostentação, mas havia um desdém proposital na minha voz que eu sabia que Paige não reconheceria. Ela ainda estava sorrindo. Eu provavelmente poderia contar a ela que minha mãe tinha admitido, durante uma ingestão em excesso de Xanax, que amava mais minha irmã Finley, ou que destruí de propósito a Ferrari que meu pai me deu quando fiz dezesseis anos (principalmente como pedido de desculpas por ter esquecido a data), ou até mesmo aquela vez em que Kennedy, minha colega de quarto também herdeira, levou um saco plástico com seu feto abortado para uma marcha de direitos feministas em Berkeley, e Paige ainda me encararia como se eu estivesse professando meu amor por ela em vez de detalhar como sou fodida.

Soltei uma risada.

— Você definitivamente é daqui.

— Culpada. Tem namorado? — ela perguntou.

— Você vai direto ao ponto.

Ela deu de ombros, dando um trago e prendendo a respiração por cinco segundos antes de soltar uma baforada de fumaça.

— Isso é um “não”? — perguntou ela, ainda tossindo.

— É claro.

Paige tentou me passar o baseado outra vez, mas balancei a cabeça. Então ela fez um biquinho com o lábio inferior reluzente.

— Decepcionada? — Eu não tinha certeza se ela queria um *ménage à trois* ou uma companhia para as drogas.

— É só que você parece divertida.

— Você está errada. — Eu me levantei, já entediada com a conversa. Um vidro se quebrou do outro lado do cômodo, e um pequeno grupo se reuniu ao redor do show que se passava no meio.

As risadas se transformaram em gritos e cantorias. O quadro *Better World*, de Peter Max, tinha sido derrubado da parede, estilhaçando o vidro. A cerveja barata se espalhou sobre as pinceladas de cinquenta mil dólares. Abri caminho, vendo dois homens trocando socos e fazendo uma bagunça absurda com todas as obras de arte ao redor.

Todos os olhos se voltaram para mim, e os espectadores ficaram em silêncio, fazendo os dois no meio da roda pararem. Todos estavam esperando que eu interrompesse a luta, gritasse ou talvez chorasse pelos danos, mas meu olhar caiu no homem sem camisa, coberto de tatuagens. Ele também me observou, os olhos castanhos mapeando meus peitos e pernas, depois a sala. Seu adversário virara o boné de beisebol para trás, se movimentando enquanto rodeava o cara tatuado, socando o ar como se estivesse num desenho animado do Pernalonga.

— Maddox, você já provou o que queria. Vamos — disse alguém para o homem tatuado.

— Foda-se — respondeu ele, sem tirar os olhos de mim. — A gente vai resolver isso lá fora.

O Boné Vermelho tinha pelo menos vinte quilos a mais que Maddox. Tirei cinco notas do meu decote e as segurei acima da cabeça.

— Quinhentos no Maddox.

As pessoas socavam o ar, segurando notas, gritando apostas e vencedores. Maddox me olhou com uma luz nos olhos que eu tinha certeza

que ninguém via havia algum tempo — nem ele mesmo. O cara mal tinha suado; o cabelo bagunçado e os olhos sombrios gritavam que ele era invencível. A maioria dos homens que eu encontrara eram só aparência, mas Maddox não precisava fingir. Ele vivia aquilo e tinha colhões para sustentá-lo. O triângulo entre as minhas coxas se contraiu, e minha calcinha de repente ficou ensopada. Dei mais um passo, abrindo caminho para chegar mais perto do meio. Eu nunca o vira, mas parecia que ele seria meu próximo erro.

Pelo jeito como se movimentava, eu percebia que ele estava estendendo a luta por muito mais tempo que o necessário. Soco após soco — nenhum deles do babaca enorme de boné vermelho ao contrário —, mais vidro quebrado, mais sangue e cerveja derramados no tapete italiano felpudo e personalizado da minha mãe.

Virou padrão Boné Vermelho desferir um soco e errar, e Maddox aproveitar a chance para revidar. Ele era incrivelmente rápido, preciso e implacável. Eu quase sentia suas mãos firmes no meu maxilar, fazendo meus dentes tremerem, vibrando pela minha coluna.

Rápido demais, a luta acabou. O campeão tatuado se colocou sobre o oponente ensanguentado como se ele não fosse nada. Alguém deu a Maddox uma camiseta, e ele a usou para limpar o sangue e o suor do rosto.

Alguém me deu dinheiro, mas não prestei atenção à quantia.

— Tyler... vamos dar o fora. Não quero ser demitido, cara. Tem um monte de menores de idade bêbados aqui.

Maddox manteve os olhos em mim.

— Por que a pressa?

— Não tô a fim de explicar para o chefe por que fomos presos. Você está?

Maddox vestiu a camiseta branca de algodão, correndo o tecido sobre as curvas definidas do peito e do abdome. Quando o V pouco acima do cós da calça desapareceu, meus ombros despencaram levemente em decepção. Eu queria ver mais. Queria ver tudo dele.

O amigo nervoso lhe passou um boné preto do White Sox, e ele o enterrou na cabeça.

Um amigo deu um tapinha no ombro de Tyler.

— Você me fez ganhar cinquenta pratas, Maddox. Parece que voltamos aos velhos tempos.

— De nada, babaca — disse ele, ainda sem tirar os olhos de mim.

A multidão passou dinheiro de mãos em mãos e, em seguida, num êxodo em massa, se dirigiu para a cozinha, onde os barris jorravam.

Tyler Maddox se aproximou de mim, a camisa molhada e manchada de sangue. Os olhos e o nariz estavam sombreados pelo boné. Ele começou a dizer alguma coisa, mas eu agarrei sua camiseta e o puxei, lhe dando um beijo violento na boca. Meus lábios se separaram, permitindo que sua língua deslizasse para dentro de mim. Ele reagiu como eu imaginava — eletricidade carnal entre nós —, enquanto agarrava a parte de trás do meu cabelo, inclinando minha cabeça para trás, minha boca na direção dele.

Eu o empurrei, ainda com o tecido de sua camiseta nas mãos. Ele esperou, sem saber o que fazer. Com um sorriso irônico, dei um passo para trás, acariciei seus braços, até encontrar suas mãos. Eram mãos calejadas, as unhas roídas até o toco. Eu mal podia esperar para sentir aquela aspereza em minhas partes macias.

Um lado da boca de Tyler se curvou num sorriso, e uma covinha profunda apareceu na bochecha esquerda. Ele tinha o tipo de beleza que não se podia comprar, os olhos castanho-dourados e o maxilar quadrado, desleixado — uma sinfonia de perfeição que apenas genes impecáveis poderiam gerar. Havia muita gente bonita no meu círculo social, com acesso aos melhores produtos, estilistas, spas e cirurgias plásticas, mas Tyler não tinha nada de artificial — era bonito sem nenhum esforço, em seu estado natural.

Acelerei o passo, subindo de costas o primeiro degrau.

Tyler olhou para cima, na base da escada.

— Pra onde nós vamos? — Não respondi, e ele continuou me seguindo. Eu podia levar o cara para a morte que ele não tinha medo. — O que tem lá em cima? — perguntou ele, ainda caminhando.

— Eu — respondi simplesmente.

Ele começou a se movimentar com determinação, os olhos passando de entretidos a famintos. Virei a maçaneta do quarto principal e empurrei

a porta, revelando a cama king-size dos meus pais e duas dezenas de travesseiros.

— Uau — disse Tyler, olhando ao redor. — Essa casa é surreal. Quem mora aqui deve ganhar uma fortuna. É de algum amigo seu?

— Esta casa é dos meus pais.

— Você mora aqui? — perguntou Tyler, apontando para o chão.

— Às vezes.

— Ah, merda. Você é a Ellison Edson? Da *Edson Tech*?

— Não, sou apenas a Ellie.

— Seu pai está na revista *Fortune 500*, não está?

— Eu não quero mesmo falar do meu pai agora — soltei entre um beijo e outro.

Ele me afastou.

— Me desculpa pelo quadro, pela mesa... e pelo vaso. Vou repor tudo. Abaixei a mão, agarrando a rigidez por trás do seu jeans.

— Para de falar.

Tyler voltou a se concentrar, estendendo as mãos e as deslizando por entre as minhas pernas e a minha pele nua, os dedos cientes do local perfeito a explorar. Tirei as botas com um chute, gemendo enquanto seus dedos deslizavam com mais facilidade, umedecidos pelo meu desejo.

A beirada da cama tocou a parte traseira das minhas pernas, e eu me inclinei para trás, puxando Tyler para cima de mim. Eu já havia beijado dezenas de lábios antes, mas nenhum me dera a impressão de que estavam famintos por mim havia tanto tempo. Todas as partes da minha pele em que Tyler tocava pareciam decididas. Ele não estava nem um pouco nervoso, tão experiente quanto eu em abrir botões e puxar tecidos.

No instante em que meu sutiã e minha calcinha foram jogados ao chão, baixei sua boxer. Ele a chutou para longe da cama, e nós rolamos. Eu sentei sobre ele, ambos ofegando e sorrindo. Meu batom vermelho estava espalhado pela sua boca, e minhas entranhas se enrijeceram, implorando por ele.

— De onde é que você veio? — ele perguntou, maravilhado.

Ergui uma sobancelha, depois dei uma olhada para sua calça jeans pendurada na cama. Estendi a mão, vasculhando o bolso e sorrindo ao encontrar um pacote metálico.

— Vai com calma, Maddox. Ainda não gozei.

Três rugas profundas se formaram em sua testa quando suas sobrancelhas se ergueram. Ele me encarou enquanto rasgava a embalagem de camisinha com os dentes, depois revirou os olhos quando usei a boca para colocá-la.

— Caralho — ele ofegou, erguendo os quadris quando coloquei seu membro todo na boca e na garganta. Seus dedos se enroscaram em meus cabelos e os puxaram, e eu gemi no látex. Ele arqueou as costas, enfiando a ponta ainda mais fundo.

Eu subi no seu colo e sentei, segurando sua circunferência e abaixando meu corpo devagar, observando o calor e a umidade das minhas entranhas o subjugarem. Com certeza, ele já tinha feito isso muitas vezes, mas não comigo. Tyler parecia o tipo que assumia o controle, o tipo de cara que dava prazer para as mulheres até que implorassem futilmente por mais. Mas ele não podia lhes dar mais, e era exatamente isso que eu gostava nele — além do fato de ser absurdamente lindo e saber como tocar minhas partes íntimas como se fosse o arquiteto que me projetara.

Seus dedos pressionaram meus quadris, e eu notei que ele estava tentando diminuir meu ritmo. Ele não ia admitir que queria que eu demonstrasse mais. Ele estava perto de gozar, e eu também, mas algum babaca bateu à porta, gritando o nome dele. Tyler não sairia antes de terminar o que eu tinha começado.

Eu estava ofegando muito, gemendo todas as vezes que minha bunda batia no colo dele, e, quando Tyler gozou, foi com força, agarrando minha bunda enquanto arqueava as costas. Ele estava tão fundo dentro de mim que doía, mas girei os quadris até cair para o lado. Enfiei os dedos em seu peito, sorrindo com a boca aberta, sem conseguir controlar os gritos que me escapavam da garganta.

Tyler abriu minhas coxas e tensionou a bunda, entrando ainda mais em mim. Então rosnou um monte de obscenidades, depois relaxou, expirando após recuperar o fôlego. Foi aí que ele olhou para mim, sonolento e satisfeito.

— Que inferno, mulher.

Eu me inclinei sobre ele, erguendo a perna, depois saí da cama engatinhando. Ele me observou enquanto eu me vestia, deitado de lado, ignorando a batida à porta.

— Eu, humm... trabalho muito. Faço parte da Equipe Alpina de Bombeiros de Elite e...

— E daí? — Fechei o sutiã nas costas, depois vesti a parte de baixo. Tyler fez uma pausa, tentando decidir o que dizer em seguida.

— Então... isso aí é da Calvin Klein?

Olhei para baixo, para a cueca branca apertada que eu tinha vestido. Renda, fio-dental... não faziam minha cabeça.

— É.

Ele deu uma risadinha.

— Então, humm... não vou poder... você sabe...

— Ligar? Somos dois.

Tyler se levantou e começou a recolher as próprias roupas enquanto a batida que vinha do corredor recomeçava.

— Maddox! Você está aí dentro?

— Mas que porra, Zeke! Espera! — disse ele, vestindo a calça jeans.

Ele estava esperando que eu me vestisse antes de abrir a porta, mas eu mal tinha colocado a camiseta sobre a cabeça quando seus amigos a abriram.

Um dos caras, um pouco mais baixo e muito mais forte, apontou para mim e, depois, percebendo que eu estava quase nua, encarou o chão.

— Você está pronto?

— Sim, Zeke — disse Tyler, sorrindo para mim.

Zeke apontou para trás com o polegar.

— Eles estão destruindo o lugar. Quer que a gente te ajude a tirar todo mundo daqui?

Balancei a cabeça.

— Tenho uma ótima equipe de limpeza.

— Acho que não vão conseguir limpar o sofá. Tem pena de ganso pra todo lado.

— Eu compro um novo.

Tyler franziu a testa.

— Vamos acabar com essa merda.

Zeke fez que sim com a cabeça.

— Depois vamos embora.

Tyler piscou para mim.

— Obrigado pela, humm... surpresa agradável.

— Eu diria “disponha”, mas nenhum de nós vai ligar.

Tyler soltou uma risada, olhou para baixo, depois olhou de novo para mim.

— Acho que é isso. A gente se vê, Ellison.

— É Ellie. E provavelmente não.

Ele não pareceu se abalar.

— Boa noite. — Tyler deu um passo para trás e fechou a porta.

Sentei na bagunça de lençóis, cobertas e travesseiros que era a cama dos meus pais. A camisinha de Tyler estava pendurada na borda da lata de lixo da minha mãe, perto de sua penteadeira, ao lado da porta. Tyler tinha uma péssima pontaria.

Eu me encolhi em posição fetal, derramando lágrimas que ninguém veria. Chorei, não porque estava com vergonha, mas porque eu sabia que, por mais que a casa estivesse destruída ou eu tivesse desrespeitado o quarto dos meus pais, eles não ficariam com raiva. Eles me perdoariam e sentiriam pena de mim. Eu sempre seria a garotinha perfeita deles. Quanto mais alto eu gritava, mais eles colocavam as mãos sobre os ouvidos.

Alguém bateu à porta, e eu mandei entrar. Em pé na soleira estava Paige, parecendo sozinha e desesperada.

— Tem lugar pra mais uma? — gemeu ela.

Puxei o lençol e as cobertas. Ela sorriu e se apressou para deitar ao meu lado. Envolvi meus braços ao redor dela e relaxei quando ela beijou a parte interna do meu pulso.

— Você é linda — sussurrou ela. — Como é? Viver numa casa como essa? Ter essa vida?

Eu não sabia como responder, então falei a primeira coisa que me veio à mente.

— Fecha os olhos.

Paige estendeu a mão, pousando-a entre minhas coxas molhadas.

— Eu o vi descendo — disse ela.

— E aí você decidiu subir?

— Eu sabia que ele não ia ficar.

— Eu não precisava que ele ficasse.

— Eu preciso que as pessoas fiquem. Você pode fingir que eu sou ele... se quiser.

— Vou fingir que você é você — falei, beijando sua têmpora.

Paige relaxou nos meus braços, se aninhando enquanto o baixo fazia o chão tremer. Depois de alguns minutos, a música foi abruptamente desligada, e eu sabia que Tyler e seus amigos estavam terminando a festa e mandando todo mundo embora.

Pouco tempo depois, a respiração de Paige se acalmou. Fechei os olhos, puxei-a mais para perto de mim e mergulhei em um sono profundo.